

A moda, a indumentária, o traje popular e o figurino

Paula Piva Linke (UniCesumar)

Resumo: Ao pensarmos nas roupas, normalmente a primeira ideia que surge faz referência a moda, no entanto, o vestuário possui usos diversos. Ao se pensar a roupa como documento, deve-se atentar para os diversos papéis que ela assume na sociedade. Assim sendo, neste texto, busco apresentar as diferenciações entre moda, indumentária, traje popular e figurino, salientando o uso das roupas como artefato cultural. Em outras palavras, busco mostrar ao leitor como o vestuário faz parte das mais variadas atividades, sejam elas tradicionais ou cotidianas. Para a realização desta pesquisa utilizo o método bibliográfico salientando conceitos fundastes como cultura e moda, utilizando autores como Gilles Lipovetsky, Clifford Geertz, Daniela Calanca e Roland Barthes, dentre outros. A moda surge negando os valores e a cultura do passado. Surge como elemento individualizador, narcísico que busca a valorização do olhar sobre si mesmo e do outro. Ela representa também as escolhas coletivas assumindo características específicas em cada período histórico, intimamente ligada a política das aparências e a valorização e ostentação das riquezas. Já a indumentária torna-se especificamente o objeto de estudo do historiador, que apresenta os usos e os costumes dos grupos sociais em diferentes momentos. O traje popular refere-se à apropriação dos elementos de moda que fazem referência a cultura de um grupo, vestuário que permanece por gerações tornando-se tradicional e sujeito a censura da comunidade. Já o figurino é manipulado, simbolicamente construído, apresenta-se não somente nas peças de teatro, novelas e musicais, mas nas festas populares, no carnaval de rua, no maracatu, no frevo e outras manifestações diversas. O que se vê então é a multiplicidade do vestuário, não somente como elemento de sedução e vaidade, mas como elemento simbólico ligado a identidade de diferentes grupos e períodos históricos. Representa também a tradicionalidade através dos trajes populares que fazem parte das práticas culturais, assim como constroem personagens dentro das celebrações e peças de teatro. Em outras palavras, o vestuário assume papéis diversos que auxiliam o homem a comunicar-se, visto que o ato de vestir é antes de tudo um ato de comunicar-se, de expressar valores, gostos pessoais, identidades e grupos de pertença. Assim a moda, a indumentária, o traje popular e o figurino, que se mostram presentes nas atividades humanas, são uma extensão do corpo e auxiliam o sujeito na construção das relações sociais.

Palavras-chave: Cultura; Vestuário; Identidades.

Abstract: In thinking of the clothes, the first idea that normally arises refers fashion, however, the garment has different uses. When thinking about the clothes as document should be alert to the various roles she takes on society. Therefore, in this paper, I seek to present the differences between fashion, dress, folk costume and costume, emphasizing the use of clothing as a cultural artifact. In other words, I seek to show the reader how the clothing is part of various activities, be they traditional or everyday. For this research, I use the method fundastes literature emphasizing concepts such as culture and fashion, using authors as Gilles Lipovetsky, Clifford Geertz, Daniela Calanca and Roland Barthes, among others. The fashion arises denying the values and culture of the past. Emerges as an individualizing, narcissistic which seeks appreciation look at yourself and the other. She also represents the collective choices assuming specific characteristics in each historical period, closely linked to political and appreciation of appearances and ostentation of riches. Already clothing becomes specifically studied by the historian, who presents the uses and customs of social groups at different times. The folk costume refers to the appropriation of fashion elements that reference a group's culture, clothing that lasts for generations becoming subject to censorship and traditional community. But the costume is manipulated symbolically constructed, presents itself not only in plays, novels and music, but in popular festivities, the street carnival in maracatu, frevo and in various other manifestations. What you see then is the multiplicity of the garment, not only as an element of seduction and conceit, but as a symbolic element on the identity of different groups

and historical periods. Also represents traditionalidade through popular costumes that are part of the cultural practices, as well as build characters within the celebrations and plays. In other words, the dress takes on many roles that help man to communicate, since the act of dressing is first and foremost an act of communicating, of expressing values, personal tastes, identities and group membership. So fashion, costume, folk costume and wardrobe, show that the present human activities are an extension of the body and assist the subject in the construction of social relations.

Keywords: Culture Clothing; Identities.

1. Introdução

O vestuário seja ele um elemento de moda, um traje popular ou mesmo um figurino cênico, traz consigo uma carga simbólica repleta de elementos culturais e mensagens ocultas que se constroem através da chamada linguagem do vestuário.

Enquanto elemento que comunica o vestir também retrata parte da cultura e deve ser considerado como tal, levando-se em consideração que o ato de vestir-se é também um ato de significação.

Assim sendo, neste texto, busco apresentar as diferenciações entre moda, indumentária, traje popular e figurino, salientando o uso das roupas como artefato cultural. Em outras palavras, busco mostrar ao leitor como o vestuário faz parte das mais variadas atividades, sejam elas tradicionais ou cotidianas.

Para a realização desta pesquisa utilizo o método bibliográfico salientando conceitos fundastes como cultura e moda, utilizando autores como Gilles Lipovetsky, Clifford Geertz, Daniela Calanca e Roland Barthes, dentre outros.

2. Vestuário e cultura

O vestir assim como as demais manifestações culturais é também uma expressão da cultura, pois traz consigo uma série de códigos implícitos que falam sobre os sujeitos, sua posição e seu tempo, portanto o ato de vestir-se se relaciona também com a cultura, entendida aqui como:

Cultura é “um modo de vida”. Pode ser um modo de vida de diferentes nações ou períodos. Ou pode ser o modo de vida de grupos existentes dentro de uma nação ou período. [...] A pluralidade desse conceito significa que cada cultura possui atividades e padrões

que lhes são específicos e os padrões de uma não podem ser utilizados para julgar as atividades de outra. [...] A ideia é a de que todas essas culturas são relativas entre si, não existe uma só cultura que supostamente fique de fora dessas relações para atuar como padrão ou medida para todas as outras (BARNARD, 2003, p. 61).

É compreensível que cada local desenvolva suas particularidades culturais, expressas nas mais variadas atividades. Esta cultura se manifesta no imaginário das pessoas. Como elas constroem seus ritos e mitos, como vivem e morrem?

Toda cultura, portanto, toda sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário próprio. Em outros termos, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto o território atravessado por essa linha divisória é, ao contrário, sempre idêntico em toda parte, pois não é outra coisa se não todo o universo da experiência humana, dos seus aspectos mais coletivos e sociais aos aspectos mais íntimos e pessoais (E. PATLAGEM apud SORCINELLI, 2008, p.52).

Dentro da cultura, há expressões diversas que dão forma a vida em sociedade, dentro destes elementos está também a moda. Portanto, cabe aqui, compreender o termo moda, sua utilização, bem como o processo de significação do vestuário e sua relação com o indivíduo e a encenação de forma geral.

Da mesma maneira que a moda e a indumentária foram vistas como expressando não apenas mensagens, mas constituindo parte das relações sociais, assim também a cultura e as práticas culturais não exprimem simplesmente significados e valores, mas como diz Williams, são antes constitutivas de uma ordem social. Essas práticas e produtos não são derivados, segundo Williams, de uma ordem social que já lá se encontra. Ao contrário, essas práticas e produtos são “elementos importantes na sua constituição” (WILLIAMS apud BARNARD, 2003, p. 63).

A moda que surge como elemento individualizador do sujeito, ressaltando seu papel social e sua posição, destaca o narcisismo onde o traje é usado para chamar a atenção do outro, para buscar olhares, se fazer olhar. A moda enquanto fenômeno social traz à tona a vaidade e as frivolidades que se apresentam com maior intensidade no vestir, que passa a representar um universo de códigos e símbolos utilizados pelo sujeito para falar de si mesmo (LIPOVETSKI, 1989). A cultura como um conjunto de signos apreendidos e

compartilhados através da interação com o sujeito (GEERTZ, 1978), também se apresenta no ato de vestir-se, pois o vestir também comunica.

O vestuário é visto não apenas como um produto do seu tempo, mas como um elemento que auxilia na construção das relações sociais, normas e condutas. O vestuário está sujeito a códigos específicos referentes ao período e ao grupo social, bem como a sua forma de utilização.

Com o termo Moda, entende-se, especificamente, o fenômeno social da mudança cíclica dos costumes e dos hábitos, das escolhas e dos gostos, coletivamente validado e tornado quase obrigatório. Em relação a moda, o termo costume, na acepção de hábito constante e permanente que determina o comportamento, a conduta, o modo de ser de uma comunidade, de um grupo social, remete ao conceito de sistema, de estrutura, ou seja, um conjunto de vários elementos relacionados entre si (CALANCA, 2008, p 11-12).

A moda não se refere única e especificamente à indumentária, mas a uma série de elementos que fazem parte da vida da sociedade em um determinado período. Ela se expressa de maneira mais gritante no vestuário. Através dele se produz uma série de signos que expressam significados distintos. “A moda, como outros processos culturais, produz significados, constrói posições de sujeitos, identidades individuais e grupais, cria códigos que guerreiam entre si” (VILLAÇA, 2006, p. 24).

Este processo de construção de signos e símbolos da moda ocorre devido ao processo de apropriação de diversos elementos. “A moda apodera-se indiferentemente dos signos leves (moda, corpo, objeto), quanto dos pesados (políticos, morais, econômicos científicos)” (VILLAÇA, 2006, p. 25). Ao apoderar-se de tais elementos, há uma série de códigos que são transmitidos através das roupas, códigos usados para se diferenciar, indicar pertença a um grupo, indicar sexo, idade, classe social, ocupação, dentre outros. “O vestuário constitui uma indicação de como as pessoas em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras do status” (CRANE, 2006, p. 21).

As roupas, como artefatos, criam comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes. [...] Por outro lado, as roupas, podem ser vistas como um vasto reservatório de significados, passíveis de ser manipulados ou reconstruídos de forma a acentuar o senso pessoal de influência (CRANE, 2006, p. 22).

Portanto, o vestuário é mais do que uma segunda pele, mais do que um objeto para cobrir o corpo e aquecê-lo. É um elemento de construção da identidade do sujeito e de seu status. “Moda, indumentária e traje são práticas significantes, modos de gerar significados. Produzem e reproduzem aqueles grupos sociais ao mesmo tempo que suas posições de poder relativo” (BARNARD, 2003, p. 64). Embora as vestes sirvam como distinção e possuam significados específicos, é importante salientar que os códigos variam com o tempo. “A moda contribui para redefinir identidades sociais ao atribuir constantemente novos significados aos artefatos” (CRANE, 2006, p. 43).

Mas vale a pena ressaltar, aqui, que moda e indumentária não são usadas apenas para indicar ou fazer referência a posições sociais e culturais, mas para construir e marcar, em primeiro lugar, aquela realidade social e cultural. O que se está afirmando, é que através da moda e da indumentária é que nos constituímos como seres sociais e culturais (BARNARD, 2003, p. 64)

Ao se utilizar das roupas para se constituir como ser social e cultural, o indivíduo se apropria da linguagem do vestuário para comunicar sua identidade, posição, sexo e outros elementos. “A moda, o traje e a indumentária são formas de comunicação” (BARNARD, 2003, p. 57). Deste modo pode-se dizer que “a roupa (esse produto desejado por muitos) seria, portanto, certo universo simbólico transformado em matéria” (SAHLINS apud CIDREIRA, 2005, p. 105-106). Este universo simbólico do vestuário é criado e recriado conforme as normas vigentes e as necessidades dos indivíduos.

A aparência corporal aparece assim, não apenas como um subproduto da vida social, o efeito combinado de diversos determinismos estruturais e culturais, mas sim como uma fonte e aposta fundamental na dinâmica da socialização. Pode ser considerada como uma instância imaginária e mítica, na medida em que revela uma relação entre o indivíduo e o mundo, entre o indivíduo e os outros e entre o indivíduo e a sociedade (CIDREIRA, 2005, p. 111).

É perceptível que a linguagem do vestuário criada pelo uso de roupas, adereços, adornos e acessórios é bastante variável. Assume diferentes funções dependendo de como é utilizada pelo indivíduo. O ato de comunicar através da indumentária requer uma interpretação minuciosa dos seus signos e

símbolos. Pequenas mudanças causam grandes transformações de significado e uso. Não apenas o vestuário, mas o saber usá-lo também é um elemento importante que o complementa.

Se admitirmos que vestir tem a ver com cobrir o corpo de alguém, e o traje com a escolha de uma forma particular de roupa para um uso particular, é possível então deduzir que vestir depende primariamente de condições físicas tais como clima e saúde, e a manufatura de têxteis mostra que o traje reflete fatores sociais como crenças religiosas, mágica, estética, status pessoal, o desejo de ser diferenciado ou de emular seu semelhante (BOUCHER apud VIANA, 2011, p. 01)

“O homem vestiu-se para exercer a sua atividade significativa. Vestir uma peça de roupa, para lá dos motivos de pudor, ornamento e proteção, é essencialmente um ato de significação” (BALDINI, 2005, p. 95).

Quando se fala em significados do vestuário, devem-se levar em consideração os elementos culturais que fazem parte do meio em que o indivíduo está inserido. Analisar o modo com que uma pessoa se veste ou como o traje é usado em encenações sem considerar o ambiente é desconsiderar os elementos que constroem a chamada linguagem do vestuário. “As diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (ORTIZ apud WAJNMAM e ALMEIDA, 2002, p. 72).

3. Traje, indumentária e figurino

O traje, a indumentária e o figurino são desdobramentos da moda que apresentam outras funções simbólicas e culturais. O modo como um indivíduo expressa seus gostos pelo vestir e a forma como ele faz a interação com o sistema simbólico do vestuário depende do ambiente e de como o grupo em que ele convive se apropria do vestuário. É por este motivo que os trajes tradicionais expressam parte da realidade social de um grupo ou indivíduo.

O processo de invenção de signos dentro do contexto da representação complementa a encenação. Os trajes são utilizados como instrumento de comunicação, porém “nitidamente limitado no número e na série de coisas que

podem comunicar. A cultura material não pode criar proposições sobre o mundo como faz a linguagem do vestuário, nem pode exercer os poderes retóricos que a linguagem verbal possui” (BALDINI, 2005, p. 100). A linguagem do vestuário é limitada no tempo e no espaço, mas acima de tudo, possui a limitação do indivíduo que a usa e de quem a observa, além de estar sujeita a constantes modificações culturais.

Barthes (2005) faz referência à importância do traje dentro de uma encenação, destacando que o traje aguça o sentido do olhar através das cores, formas e texturas, o que permite aos personagens criar e recriar realidades alternativas, que auxiliadas por recursos sonoros ganham vida e forma. O traje que pode ser usado em encenações tradicionais, também assume outra função ao caracterizar um determinado grupo.

O traje popular é, sob muitos pontos de vista, exatamente o oposto da roupa que segue a moda. Uma das principais tendências da roupa da moda é a de mudar rapidamente a fim de não se parecer com a anterior. A tendência do traje popular é a de permanecer imutável, os netos devem vestir às mesmas roupas dos avós (BALDINI, 2005, p. 103).

Mas quando se fala em traje popular, não se refere somente às roupas que as pessoas usam no cotidiano, mas no papel que estas roupas assumem dentro de um contexto cultural. Ali o traje passa a ter um significado específico e que muitas vezes permanece por gerações.

Uma segunda diferença fundamental entre o traje popular e o vestuário na moda é a seguinte: o traje popular é submetido à censura da comunidade, que prescreve o que nele se pode ou não modificar, o vestuário na moda depende das diversas opções dos costureiros que as criam (BALDINI, 2005, p. 104).

Se o traje popular vem acompanhado de um significado, ele também está sujeito a restrições e a convenções que o moldam através do processo de censura. Na medida em que o vestuário trabalha as características individuais de cada ser humano, é preciso criar normas ou padrões para delimitar as características que este traje pode assumir. Além destas características distintas, é preciso estabelecer a diferença entre traje e indumentária.

“O traje constitui-se no modo pessoal, como um usuário adota a indumentária que lhe é proposta por seu grupo. [...] A indumentária é propriamente dito, o objeto da pesquisa sociológica ou Histórica” (BARTHES, 2005, p.270). Portanto, o traje é o processo em que o indivíduo se apropria da indumentária, ou da moda, essa apropriação pode ser breve ou permanecer por um longo tempo. Quando permanece, o traje passa a ser visto como um conjunto de símbolos de uma comunidade, ou seja, algo tradicional para o cotidiano de um povo.

O traje popular assume várias funções: práticas, estéticas, eróticas, mágicas e regionais. E serve ainda para indicar a casta, o sexo, a idade, o trabalho, o luto, a confissão religiosa a que pertence, se uma pessoa é solteira ou casada, ou se uma rapariga respeita as exigências da moral sexual imposta pela sociedade em que vive, ou seja, se ainda é virgem (BALDINI, 2005, p. 104).

O traje assume um papel social. Não meramente relacionado ao pudor. O ato de vestir-se tem significados variados de acordo com o contexto cultural em que está inserido.

O figurino, “como vestuário,[...] passa a ser compreendido como um conjunto de trajes e acessórios ornamentais, que praticamente reveste e se articula ao corpo humano, podendo “dizer” ou “significar”” (BUSTAMANTE, 2008, p. 43). O vestuário é parte significativa de um todo, que agrupado com a dança, a música e os versos, constitui a celebração. “O vestuário significa o ponto do espaço-tempo em que a história se insere, marca passagens de tempo e também indica as características sociopsicológicas dos personagens” (COSTA, 2002, p. 41).

O figurino é mais do que um simples traje, mais que uma roupa, pois ele possui uma bagagem, um repertório, um conjunto de mensagens implícitas visíveis e que não ultrapassa o limite sobre todo o panorama do espetáculo, além de possuir funções específicas dentro do contexto e perante o público (BUSTAMANTE, 2008, p. 43).

Cada manifestação cultural tem seu próprio vestuário, música, dança e poesia. Cada um destes elementos auxilia na construção da mensagem transmitida pela encenação. Como parte integrante da encenação, “o vestuário ajuda a definir o local onde se passa à narrativa, o tempo histórico e a

atmosfera pretendida, além de ajudar a definir características dos personagens” (COSTA, 2002, p. 38).

Convém salientar aqui, que as roupas não funcionam apenas como elemento diferenciador dentro da encenação. Fazem parte do personagem. Constroem-no, auxiliando em sua representação, visto que não é apenas através da fala que o personagem se expressa, mas através dos gestos e do vestir.

O figurino passa a ser parte fundamental não só no processo do espetáculo, mas principalmente da composição de uma personagem. Esta criação passa a considerar o figurino um objeto externo extremamente importante na complementação do trabalho do ator (VIANA, 2011, p. 07)

É notável, portanto, a importância do figurino como elemento fundamental na construção de uma encenação. Também para auxiliar no processo de significação da encenação. O figurino deve ser cuidadosamente trabalhado e explorado, caso contrário, o resultado obtido pode ser inadequado, pois “o figurino é capaz de comunicar, sem uma fala, ou seja, o traje que o ator traz em cima de si, diz o que ele é; caracteriza um personagem” (SILVA e FIDELIS, 2011, p. 06). Sendo assim, todos os elementos da encenação devem estar em harmonia e consonância para que ela tenha sentido e seja compreendida pelo público que a assiste. As vestes devem ser condizentes com os demais elementos e com as ações dos personagens em cena.

O vestuário faz parte do conjunto de significantes que molda os elementos tempo e espaço: a roupa é parte do sistema retórico da moda e argumenta para nos convencer que a narrativa se passa em determinado recorte de tempo, seja este um certo período da história (presente, futuro possível, passado histórico etc.), do ano (estações, meses, feriados) ou mesmo do dia (noite, manhã, entardecer). De modo semelhante, as roupas de um personagem trabalham para demonstrar que este se encontra no deserto, na cidade, no campo, na praia. O tempo pode ser definido com auxílio do figurino de modo sincrônico ou diacrônico. Quanto ao espaço, o figurino ajuda a definir (ou tornar imprecisa) a localidade geográfica onde a história se passa (COSTA, 2002, p. 39).

As informações que devem ser transmitidas pelo figurino devem ser cuidadosamente trabalhadas. Nem sempre ele precisa ser realista, visto que há várias formas de se representar diferentes elementos do vestuário, seja através da releitura ou da criação de um figurino artístico, não realista. As diferentes categorias de figurino possibilitam variadas leituras da encenação.

Seguindo a classificação adotada por Marcel Martin e Gérard Betton, os figurinos podem ser classificados em três categorias: 1) figurinos realistas, comportando todos os figurinos que retratam o vestuário da época retratada pelo filme com precisão histórica; 2) para-realistas, quando “o figurinista inspira-se na moda da época” para realizar seu trabalho, “mas procedendo de uma estilização” onde “a preocupação com o *estilo* e a beleza prevalece sobre a exatidão pura e simples” e 3) simbólicos, quando a exatidão histórica perde completamente a importância e cede espaço para a função de “traduzir simbolicamente caracteres, estados de alma, ou, ainda, de criar efeitos dramáticos ou psicológicos” (COSTA, 2002, p. 38).

Estas três categorias do figurino mostram de que forma é possível trabalhar com o vestuário dentro de uma encenação.

O figurino simbólico é visto por autores como Martin e Betton como sendo atemporal e ignorando o espaço-tempo da narrativa, mas a função simbólica pode ser exercida pelo vestuário em figurinos realistas ou para-realistas; afinal, a “ignorância” do espaço-tempo não significa necessariamente uma discordância ou discrepância com este (COSTA, 2002, p. 40).

Mesmo que o figurino se caracterize como simbólico, “é ele que nos mostra em que época estamos. É através do figurino que se mostra uma tendência de moda. É o elemento fundamental para a comunicação visual do teatro” (SILVA e FIDELIS, 2011, p. 04). Como elemento de uma linguagem visual, de alguma forma, tem por objetivo expressar as emoções, status social e o psicológico do personagem. Ele é composto por códigos que explicitam mensagens sobre o personagem e a encenação de forma geral.

“Se os indivíduos e suas percepções do mundo e das coisas são diferentes, não há uma forma universal para um determinado objeto estético, única para todos os indivíduos” (PERAZZO; VALENÇA, 1997, p. 95). Se não é possível estipular um padrão, então a moda estará sempre acompanhando as mudanças ou gerando novos conceitos e mudanças. Perazzo e Valença (1997, p. 95) afirmam ainda que “um objeto não existe em si como uma coisa

acabada, podemos perceber também que a forma não está pronta, disponível, ela é sempre o resultado de um processo em construção”.

Uma roupa é um emaranhado de pedaços confeccionados juntos para cobrir, enfeitar e valorizar as partes do corpo humano: mangas, corpetes, colarinhos, saias ou calças. Uma roupa é a representação sintética e simultânea de muitos acontecimentos pessoais e coletivos, econômicos, sociais e políticos (SORCINELLI, 2008, p.29).

A roupa, assim como qualquer outro objeto, faz parte de uma cultura material. Como tal, tem um sentido e um objetivo, que estão relacionados ao contexto em que está inserida.

Qualquer objeto, até o mais corriqueiro, encerra uma certa engenhosidade, escolhas, uma cultura. Cada objeto traz consigo um saber específico e um certo excedente de sentido, o que se pode constatar no modo pelo qual se toma posse dele, no qual intervém moral, princípios distintivos, escolhas pessoais, pelo modo que se faz uso dele, no qual se revelam um ensinamento e uma moral do compromisso, estabelecido por normas precisas de boas maneiras, pelo modo, enfim, de conservá-lo (D.ROCHE apud SORCINELLI, 2008, p.49).

Desta forma “a moda e a indumentária, são, portanto, algumas das maneiras pelas quais a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida” (BARNARD, 2003, p. 63).

Diferentes códigos existem ao mesmo tempo. É preciso, sempre, conhecer o contexto cultural e social do objeto a ser analisado para decifrar os códigos e compreender como o homem se relaciona com a cultura material.

4. Considerações finais

O que se vê então é a multiplicidade do vestuário, não somente como elemento de sedução e vaidade, mas como elemento simbólico ligado a identidade de diferentes grupos e períodos históricos. Representa também a tradição através dos trajes populares que fazem parte das práticas culturais, assim como constroem personagens dentro das celebrações e peças de teatro.

Em outras palavras, o vestuário assume papéis diversos que auxiliam o homem a comunicar-se, visto que o ato de vestir é antes de tudo um ato de comunicação, de expressar valores, gostos pessoais, identidades e grupos de

pertença. Assim a moda, a indumentária, o traje popular e o figurino, que se mostram presentes nas atividades humanas, são uma extensão do corpo e auxiliam o sujeito na construção das relações sociais. O vestuário é também uma fonte de pesquisa, pois é através dele que o sujeito se constrói e revela parte de sua cultura, posição social dentre outros elementos.

Referências

- BALDINI, Máximo. **A invenção da moda: as teorias, os estilistas, a história**. Portugal: Edições 70 LTDA, 2005.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, Roland. **Inéditos**. Vol 3. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BUSTAMANTE, Rita de Cássia. **Retalhos em Cena – concebendo o figurino na televisão**. 2008. Dissertação e Mestrado. Centro Universitário Senac, Programa de mestrado em moda, cultura e arte, São Paulo, SP. Disponível em:
<http://biblioteca.sp.senac.br/LINKS/acervo284191/RETALHOS%20EM%20CENA%20-%20CONCEBENDO%20O%20FIGURINO%20NA%20TELEVIS%C3%83O%20-%20PARTE%20I.pdf>. Acesso em: 06 de mar de 2012.
- CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. São Paulo: SENAC, 2008.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Anablume, 2005.
- COSTA, Francisco Araújo. O figurino como elemento essencial da narrativa. In: **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v, 4, nº, 8, p. 38-41 agosto 2002. Disponível em:
<http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/imagina/edicao-8/araujosed8.pdf>. Acesso em: 07 de mar de 2012.
- CRANE, Diana, **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- PERAZZO, Luiz Fernando; VALENÇA, Másvola T. **Elementos da forma: moda e beleza**. Rio de Janeiro: SENAC, 1997.
- SILVA, Roseane Tavares de Araújo; FIDELIS, Gemma Galgany Pereira. O figurino como elemento de caracterização do personagem In: 7º Colóquio de Moda, 2011, Maringá, **Anais 7º Colóquio de Moda**, Maringá. 2011.
- SORCINELLI, Paolo. **Estudar a moda: corpos, vestuário, estratégias**. São Paulo: Senac. 2008.
- VIANA, Fausto. O flerte da moda com o teatro e a teatralidade da moda contemporânea. In: 7º Colóquio de Moda, 2011, Maringá, **Anais 7º Colóquio de Moda**, Maringá. 2011.
- VILLAÇA, Nizia. A cultura como fetiche, corpo e moda. In: VILLAÇA, Nizia; CASTILHO, Kathia. **Plugados na moda**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006.
- WAJNMAN, Solange; ALMEIDA, Adilson José de. **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.